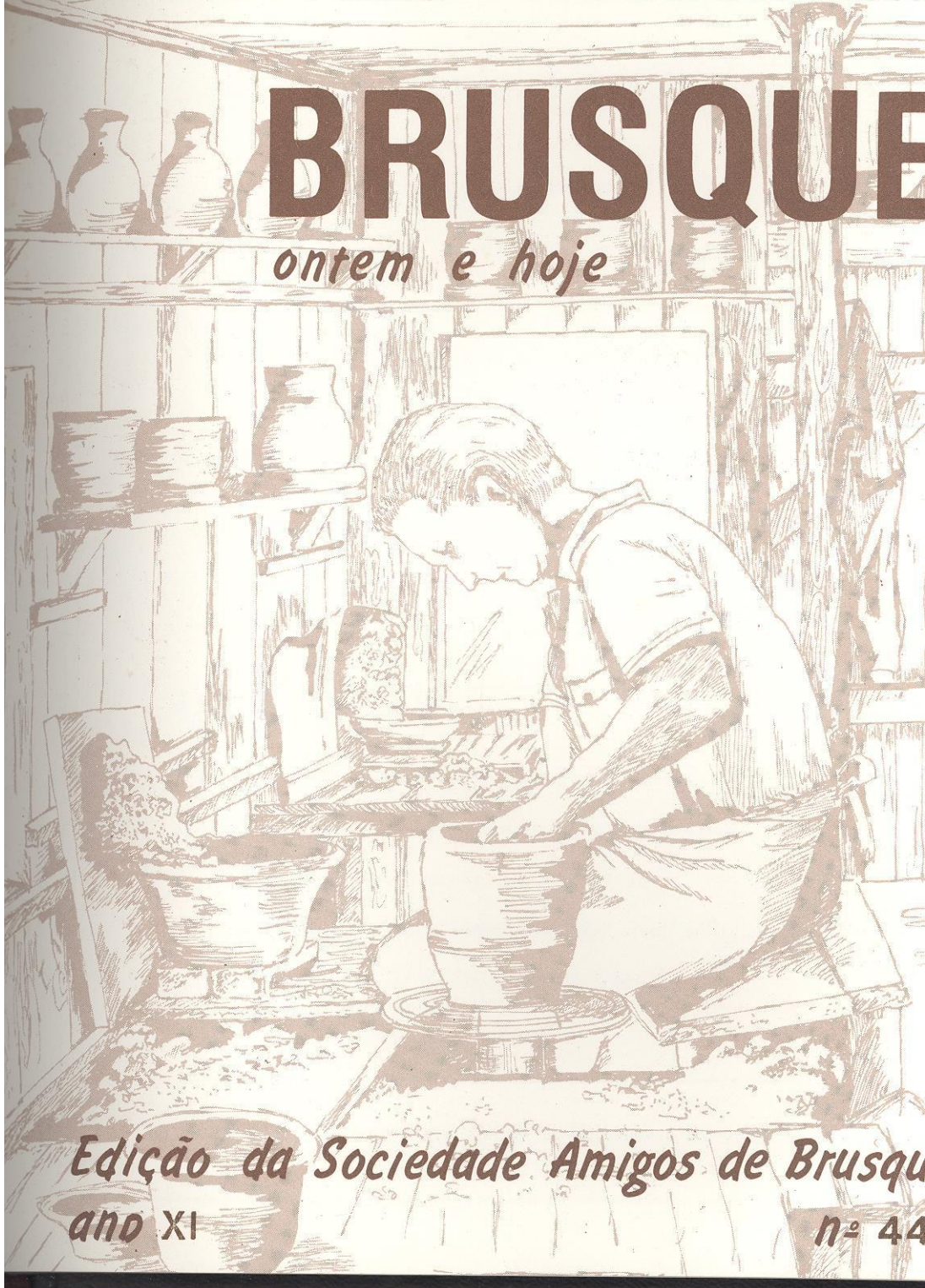


filson of Bulbert
NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE

ontem e hoje



Edição da Sociedade Amigos de Brusque

ano XI

nº 44

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante Ltda. - Brusque - SC

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano XI

Outubro, Novembro e Dezembro de 1987

Nº 44

Sumário

- 1 - IX - BRUSQUE - Fragmentos de sua história,
dia a dia, desde a fundação. 1875. Ayres Gevaerd . 751
- 2 - Um cidadão de HOHENHAMELN relata:
"DE NAVIO À VELA AO BRASIL" 753
- 3 - DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO
Barão Maximiliano de Schnéeburg referentes
a Janeiro de 1867 782

Capa: Olaria artesanal em Peterstrasse.
Original de Naomi Gevaerd.

NOTÍCIAS DE VICENTE SOUZA

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0000

Sec. de Redação: Avenida Otton Resende - Caixa Postal 47 - Brusque - SC
Ano XI Outubro, Novembro e Dezembro de 1987 Nº 44

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAI-MIRIM

S u m á r i o

- 1 - IX - BRUSQUE - Fragmentos de sua história, dia a dia desde a fundação, 1887. 781
- 2 - Um episódio de HOHENHAMMELN, reinado "DE NAVIO A VELA AO BRASIL". 783
- 3 - DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO Barão Maximiliano de São Leopoldo, Registrados no Arquivo Histórico do Rio de Janeiro de 1887. 787

Publicação trimestral sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Capa: Orla artesanal em Petrópolis.

Original de História de Brusque, direção

Composto e impresso na Gráfica Bandeirante Ltda. - Brusque - SC

750

1987

789

1 - IX - BRUSQUE - FRAGMENTOS DE SUA HISTÓRIA,
DIA A DIA, DESDE A FUNDAÇÃO. 1875.

2.1. No documento nº1 firmado pelo diretor Paes Leme são prestadas contas das despesas com as obras da Igreja Católica, Casa da Diretoria, escolas, etc. desde o mês de Março do ano passado. Menciona contas das estradas de rodagem para Itajahy e Tijucas.

Nota - As estradas em referencia, tantas vezes reclamadas pelas administrações anteriores, tiveram sua conclusão durante o período da extraordinaria administração de Luis Betin Paes Leme.

Janeiro. No relatório do presidente Dr. João Thomé da Silva estão registrados importantes aspectos da eficiencia da colonização alemã.

10.2. Recebe o diretor Paes Leme telegrama do Ministro da Agricultura comunicando a breve chegada de 200 imigrantes Lombardos. Recomenda preparar a recepção e bom tratamento para que fiquem satisfeitos, pois são colonos que merecem ser animados.

Grave surto de desintéria causa a morte de 6 pessoas na Colonia. O diretor, apesar das providencias tomadas aconselhando, especialmente dieta e cuidados com a alimentação, lamenta "que os italianos não querem deixar o modo de vida a que estão acostumados".

8.4. Termina oficialmente, a construção da estrada Brusque-Itajahy, segundo documento dessa data firmado pelo diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme.

22.4. Solicita Paes Leme a remessa dos diplomas conferidos aos colonos Carlos Mathes e João Horst os quais não foram incluídos aos dos demais expositores da 3ª Exposição Nacional, residentes nesta Freguesia. Pede também os prêmios ganhos por Daniel Klabunde, aguardente e fumo em folha, na exposição internacional de Viena.

17.5. É batizada Mariana, filha natural do Dr. Luiz Betin Paes Leme e de Bertha Plaster. Nasceu na Colonia no dia 16.11.1874. Padrinhos os avós paternos Luiz Leme Betin e Mariana E. Betin representados por procuração dada a Alberto Graf.

8.6. O diretor Paes Leme recebe autorização para aplicar 3:000\$000 na construção de uma casa para a Sociedade Agricola e suas futuras exposições.

4.10 A Colonia recebe a visita do presidente da Província João Capistrano Bandeira de Mello Filho, por ocasião da 4ª exposição agrícola e industrial. A 28.9. o presidente inaugurou sobre o rio Conceição, a "ponte Dr. Betin Paes Leme", na estrada para Itajahy.

28.10 Atendendo a solicitação do presidente da Província com relação a possibilidade da cultura de oliveiras, Paes Leme comunica que somente depois de 3 meses começam a brotar.

29.10. Paes Leme comunica ao presidente da Província que existem ainda na Colonia, 92 colonos franceses. O êxodo desses colonos se processa lentamente para lugares ignorados. Em outros documentos, como o faz neste, Paes Leme registra que são os piores colonos que aqui chegaram. Em geral são comunistas, homens que pelo seu péssimo comportamento, foram expulsos de seu país.

24.11. O engenheiro Sarmat der Lauraux Bousquet assume suas funções na Colonia Itajahy e Principe Dom Pedro.

1.12. Transmite Paes Leme a direção das Colonias a seu substituto legal, M. von Borrovsky, estando em licença por 3 meses.

18.12. O diretor interino M. von Borrovsky em telegrama dirigido ao Governo da Província, solicita suspender a entrada de novos imigrantes, em visita de se encontrar mais de 600 ocupando ranchos e casas disponíveis e aguardando medição de lotes. Borrovsky menciona que cerca de 420 colonos italianos se encontram em Itajahy aguardando condução para estas Colonias.

22.12 Criada a Agência Postal na Freguesia.
População das Colonias até 31.12.1875: 4.568
sendo Homens - 2613
Mulheres - 1955

UM CIDADÃO DE HOHENHAMELN RELATA:

DE NAVIO À VELA AO BRASIL

Recordações de uma travessia turbulenta no ano de 1869, em 91 dias.

Relato de ocorrência vivida pelo colono Heinrich Pöpper, de Hohenhameln, reproduzido pelo professor G. Kölle:

No dia 15 de abril de 1940 festejaram Bodas de Diamante o Sr. Heinrich Pöpper e sua esposa, a qual, tal como ele mesmo, emigrou para o Brasil com seus pais em 1869 sendo que possuíam o lote de Colonia vizinho, onde o casal veio a se conhecer. Após 16 anos de trabalho duro e bem sucedido, acabou vindo também para Pöpper o dia em que a saudade da pátria o assaltou tão fortemente, que o casal decidiu retornar para a Alemanha. Ali ele administrava seis restaurantes e em 1910 assumiu o restaurante de Könnecker em Hohenhameln. Em 1928 aposentou-se. Hoje com 81 anos de idade, contou-nos ele muita coisa de sua vida quando foi procurado por um redator do jornal "Gerstenbergschen Zeitung", para convencê-lo a contar em seu jornal natal a sua vivência como colonizador. A série de artigos que hoje inicia, certamente encontrará interesse entre os leitores, sendo que a mesma se abstém de detalhes secundários e se constitui quase exclusivamente de uma sequência de narrações de fatos.

A Redação.

"Na parede de minha sala de estar existe, há muitos anos, uma fotografia. É a ampliação de uma vista de uma fazenda brasileira.

Cada vez que olho esta fotografia, meus pensamentos se voltam para aquela terra distante que me uma vez foi pátria minha.

Às vezes recebo visitas, e então me pedem para contar coisas do Brasil. Eu vim a conhecer a fundo a terra para onde emigramos, pois eu tinha dez anos de idade quando emigrei com meus pais. Voltei à minha terra na tal da Baixa Sachsônia já como homem experiente.

Trabalhamos muito lá, à beira da selva. Mas o trabalho também foi compensado e eu conheço muitos que fizeram dinheiro. Naturalmente também houve muitos que foram à

miséria, e quem pensa que lá se conquistam fortunas com pouco esforço, é melhor que fique por aqui.

De vez em quando o correio traz notícias de lá. Geralmente fica por semanas a caminho até chegar aqui. Elas constam de conhecidos e parentes, falam de trabalho, do tempo, de sementeação e colheita, de boa sorte ou de desgraças, de vida e de morte. E sempre de novo percebemos a saudade falando nas entrelinhas.

Assim também ocorreu conosco naquele tempo, e um dia a saudade se tornou tão forte, que amarramos nossa trouxa e enfrentamos nova viagem através do grande mar, a mesma viagem que já tínhamos feito há muitos anos cheios de esperanças, no sentido contrário. Mas agora quero contar como foi que aconteceu deixar mos nossa pátria, faz mais de setenta anos: -

Como começou...

Foi nos anos 1868 e 1869. Naquele tempo o Governo Brasileiro procurava alemães que quizessem se fixar no Brasil. Dava-se então muitas facilidades para emigrar para o Brasil. O Governo de lá pagava a maior parte dos custos de travessia e dava a cada emigrante, fosse velho ou jovem, um presente em dinheiro no valor de 20 milreís. Isto correspondia mais ou menos a 90 Marcos. Além de alimentação gratuita por tres ou quatro semanas, cada família imigrante recebia também gratuitamente as ferramentas necessárias.

Com isso houve em nossa região de Helmstedt, no então Gran-ducado de Braunschweig, várias famílias que viajaram para o Brasil no ano de 1869. Ainda me lembro que meu pai falava muitas vezes naqueles que emigraram, de modo que em breve pudemos notar que secretamente também ele se ocupava com projetos de tentar a sorte no Brasil. A vida na pátria já não mais lhe oferecia satisfação. Por inteiros dezesseis anos havia servido como servente vaqueiro - era como naquele tempo se denominavam os ordenhadores. Era um encargo pesado, pois meu pai tinha a responsabilidade pela grande produção leiteira da região. Havia cerca de cem vacas nos estábulos e aproximadamente setenta vacas deviam ser diariamente ordenhadas. Isto muitas vezes trazia aborrecimentos. Se algo saía errado nos estábulos, era meu pai quem recebia as acusações.

Acontecia que às vezes algumas mulheres ou moças não ordenhavam completamente as vacas. Se então faltavam dez ou doze medidas de leite, era com meu pai que se procurava a responsabilidade disto.

O trabalho de meu pai na propriedade

Os serventes de animais tinham vida fácil. Quando tinham terminado seu trabalho, com nada mais se incomodavam. Meu pai, no entanto, nunca tinha folga, em nenhum domingo nem feriado do ano, e muitas noites tinha de preocupar-se nos estábulos. Isto, com o tempo, tornou-se finalmente demasiado para ele. Naturalmente ele recebia um salário bom em relação àqueles tempos. Isto representava anualmente 55 Taler líquidos. Acrescia-se a isto um abono constante de ovos, manteiga, leite e queijo. Faziam parte deste abono também dois porcos de meio-ano, um pedaço de horta e uma jeira de lavoura, que usávamos para produção nossa. Cinco carneiros podiam ser criados com os demais, para nós, e para cada animal que meu pai vendesse recebia o que se chamava de salário-de-rabo.

Mas para isto meu pai precisava trabalhar das 4 horas da manhã, ou no inverno das 5 horas, até tarde da noite. Minha mãe precisava ajudar na ordenha, o que lhe estava ficando muito pesado, pois vivia adoecendo. Entretanto, se alguma vez ela não aparecia para ordenhar também não achavam certo. Foi assim que meu pai perdeu a vontade de trabalhar na propriedade, e começou a fazer planos de tornar-se independente.

A visita ao Escritório de Emigração

Meus pais tinham sido muito econômicos e tinham conseguido poupar uma boa quantia em dinheiro. Com esse dinheiro, meu pai pretendia comprar um pedaço de terra. Num certo domingo, contratou um substituto para representá-lo nos estábulos, e se pôs a caminho. Mas uma pequena propriedade, que estava à venda, não lhe agradou. Por enquanto a esperança de ter sua terra própria ficou sem atendimento. Mesmo assim, meu pai estava cheio de entusiasmo quando chegou em casa naquela noite. Como tinha mesmo de passar por Helmstedt na volta, para visitar uns parentes, aproveitou para passar no escritório de emigração, para se informar com o agente.

755

Este então falou, falou e pintou a vida no Brasil com as mais belas cores. Meu pai contou tudo isso à minha mãe à noite, e eles chegaram à conclusão de que que riam se aventurar a fazer a grande viagem.

"Senhor Magistrado, Não há mais nada que pensar."

No dia 19 de abril de 1869 meu pai anunciou ao arrendatário do domínio, que estava deixando o emprego. Este não se admirou pouco. "Então, você quer ir para o Brasil?", dissera. "Então cuide de levar consigo mais uma meia dúzia de calças. Aqui você sempre pode adquirir mais uma quando necessário. Depois disso terá acabado. Lá do outro lado você poderá atrelar-se a si mesmo e puxar o arado. Pense mais um pouco e bem, antes de atirar sua família nessa desgraça.

- "Senhor Magistrado, aí não há mais o que pensar. Isto já foi suficientemente pensado antes e agora nada mais será mudado." foi a resposta de meu pai. Mas ele teve de ouvir a mesma coisa mais uma porção de vezes, porque o magistrado arrendatário gostaria de poder manter meu pai na propriedade.

Com os preparativos para a viagem, passou rapidamente o tempo até chegar esse 19 de abril. Meu pai já tinha colocado tudo em ordem com a agente. Ele teve de pagar antecipadamente uma parte dos custos da viagem. O preço da passagem importava em 30 Taler para um adulto. Crianças abaixo de 10 anos pagavam metade do preço. Por tanto eu tive sorte, pois completava 10 anos somente em 29 de abril.

Compra de tecidos por 900 Taler

Bem cedo o agente descobriu que meu pai tinha ainda uma bonita reserva de dinheiro. Por isso convenceu-o a comprar, por todo o dinheiro restante, tecidos para roupas. Conforme dizia, meu pai poderia fazer com isto um bom negócio no além-mar. Meu pai confiou inteiramente no agente e comprou, - digo e confirmo - 900 Taler em tecidos. Isto era uma enorme quantia de dinheiro. Naturalmente o agente foi o intermédio dessa transação. Se meu pai tivesse sido comerciante em vez de servente vaqueiro, certamente teria gasto menos nessa história.

Havia ainda muitas outras coisas a pensar e providenci

736

ar. Numa oficina meu pai mandou fazer um carroção forte com capacidade para transporte de 25 quintais, que mais tarde viria a nos prestar bons serviços. Meu irmão e eu estávamos particularmente orgulhosos de uma espinharde de cano duplo que foi adquirida. Da mesma forma estávamos muito felizes com um enorme cão pastor que passou a pertencer-nos e que se chamava "Greif" ("Pegada"), nome que ele bem mereceu.

Tres Famílias - Uma comunhão de destinos

Em breve, pois, deveria começar a nossa viagem. Algumas semanas antes recebemos a visita de duas famílias da localidade próxima "Hütensleben". Tinham ouvido o a gente falar que nós também iríamos para o Brasil. Ficamos contentes por não estarmos mais tão sozinhos. Rapidamente cresceu amizade entre nós, que prevalece até agora. Éramos agora ao todo 16 pessoas. Nós éramos quatro. A família Bruns tinha dois filhos na idade de 8 e 18 anos, além de duas meninas, das quais 1 tinha idade igual à minha. e a outra igual à meu irmão. Na Família Hort havia dois filhos de 8 e 6 anos, e duas meninas, das quais uma tinha 15 e a outra 10 anos de idade. O pai e o filho mais velho dos Bruns eram carpinteiros. O pai da família Hort tinha sido mineiro.

As coisas de que não quizemos nos separar

Nas últimas semanas antes da viagem, encontramos muitas vezes com as duas famílias, e falávamos sobre o que haveríamos de levar conosco. Aí acabamos carregando uma série de coisas, que depois, no além-mar, não pudemos aproveitar. Assim levamos por exemplo a roca de fiação, a trilhadeira de linho, e a dobadeira, na viagem conosco. A peça mais rara foi, no entanto, o enorme casacão de minha mãe, uma assim chamada Crinoline. Sobre esse monstro do vestuário, que naquela época era grande moda, rimo-nos muitas vezes lá no Brasil. Levamos até mesmo nossas pesadas cobertas. Depois. lá, não sabíamos o que fazer com elas: eram pesadas demais e ninguém teria podido aguentar cobertores de penas tão pesados sobre o corpo, naquele calor tropical.

Os últimos dias vinham chegando. Minha mãe ainda mandou fazer seis pães grandes e, cortados em pedaços,

torrá-los no forno. Depois, no navio, ficamos contentes por termos esse pão, pois grande escuro do navio não nos agradou, e muito menos as duras torradas do navio. Estas precisavam antes ser partidas com martelo e depois amolecidas, sem o que não haveria meio de saboreá-las.

Em 6 de Abril de 1869 começou a viagem

Nas primeiras horas da manhã dos 6 de abril de 1869, partimos juntamente com a Família Bruns e a Família Hort, de Schöningen, e chegamos bem dispostos a Hamburgo naquela tarde. Lá nos levaram logo da estação ferroviária para a pousada dos emigrantes. Ali fervilhava uma confusão de muitos emigrantes, que ali tinham trazido suas famílias e suas bagagens.

Nossos pais providenciaram no dia seguinte os nossos papéis de viagem e voltaram com a notícia de que nosso navio partiria somente no dia 10 de abril. Na verdade deveria dois dias antes. Tínhamos pois ainda alguns dias de tempo, que aproveitamos para conhecer Hamburgo. Juntamente mais uma série de coisas para levar na viagem, conforme nos iam elas sendo aconselhadas. Entre outras coisas, compramos um grande garrafão com sucos de framboesa. A bordo do navio estávamos depois contentes por tê-la.

A bordo do navio, com 17 caixotes e bagagem manual

Na manhã de 10 de abril iniciamos a caminhada para o porto, e, praticamente sô então nos conscientizamos de que o momento era de seriedade. Era um quadro estranho, ver-se trezentas pessoas, Homens, Mulheres e Crianças com todo tipo de bagagem caminhando para lá. Nós tínhamos, além de nossa bagagem manual, mais 17 caixotes em parte bem grandes. O frete para esses caixotes teve de ser pago por nós mesmos, o que acabou se tornando bastante oneroso, pois o cálculo não era feito por peso e sim por espaço ocupado.

"Nossos cães como passageiros clandestinos"

Em breve podíamos ver o grande navio a vela de tres mastros. "Humboldt", ancorado no porto. Era ele o navio

de emigração, nossa pátria por um longo tempo. Guindas tes nos conduziram até ele. "Onde é que vocês querem ir com esse cão enorme? Cães não podem ir junto!" foi o que disse um emigrante ao meu pai. Mas este soube resolver o problema: Meteu "Greif" num saco e o carregou nas costas. Os dois cachorros pequenos também foram colocados num saco, que meu irmão maior teve de carregar. Naquele alvoroço, ninguém percebeu a manobra.

Chegados lá em cima, entramos numa nova confusão. A agitação nas entrecobertas só amainou quando todos os trezentos emigrantes tinham já seus lugares. Tivemos a sorte de conseguir um beliche no canto, de modo que ao menos podíamos amarrar nosso Greif em segurança. O cão também ficou tão quietinho, como se soubesse que estava viajando como clandestino. A maior parte dos nossos companheiros de viagem eram de Hinterpommern. Nós dificilmente os podíamos entender, quando falavam seu dialeto. De nossa região natal só havia as nossas três famílias a bordo. Contudo entendíamos-nos bem uns com os outros, pois todos afinal partilhávamos do mesmo destino.

Antes que nos déssemos conta disso, havia anoitecido. Soou um sinal e recebemos nossa primeira refeição a bordo: chá com torradas de bordo. Já começava bem..O chá não nos apeteceu e das torradas comemos bem pouco nos primeiros tempos. Depois da refeição, todos se recolheram aos seus beliches. Na primeira noite sentimos muito o desconforto dos colchões de capim marinho. Mas isto era apenas o começo, pois ainda iríamos conhecer coisas bem diferentes no decorrer da viagem.

No mar...

Ninguém conseguia dormir direito. Todos aguardávamos ansiosos que o nosso navio se pusesse em movimento, e realmente, de súbito percebemos que o navio à vela começava a balançar levemente. Sabíamos então que um rebocador nos descia pelo rio Elba em direção ao mar aberto. Devíamos estar viajando assim já por algumas horas, quando irrompeu nova agitação no outro extremo da entrecoberta no navio, por culpa nossa, embora de início não o estivéssemos compreendendo. Nossos dois cachorros pequenos se haviam soltado e passeado por toda a entrecoberta. Agora, não encontrando sua mãe, começavam um lamentável choro e ganido.

Alguns dos passageiros reclamavam e ameaçavam informar o capitão. Então meu pai apanhou os dois filhotes e os afogou nas águas do Elba, pois não sabia o que fazer com eles. Faltou pouco para que meu pai fosse espancado pelos marinheiros no dia seguinte, pois todos eles gostavam de animais e teriam gostado de esconder os cãeszinhos, alimentando-os secretamente. Meu pai, porém não tinha podido achar outra solução. Ele próprio tinha muito pesar por isso.

Quando os marinheiros ficaram sabendo que tínhamos ainda um cão grande, logo quiseram vê-lo. Ficaram todos gostando dele e muitas vezes lhe traziam alimento. Porém "Greif" não fez grande amizade com nenhum deles.

Uma travessia realmente tempestuosa...

Estávamos há dois dias no mar norte, quando as coisas já mudaram de figura. A tempestade que surgiu de repente, jogava nosso navio de um lado para o outro. Durante o dia ainda dava para suportar, mas a noite a tempestade foi ficando cada vez mais forte. O mar estava muito agitado e de vez em quando ouvíamos o troar das fortes ondas que passavam por cima do navio. Pela manhã o quadro era desanimador: Quase todos os passageiros estavam nauseados; ninguém devia sair; as escotilhas permaneciam fortemente fechadas e o ar naquele recinto em que havia tanta gente, já quase não podia mais ser suportado. No decorrer do dia a tempestade ainda se agravou. Um vagalhão após outro se arremessavam por sobre o navio. Nós nem víamos o que acontecia lá fora. Onde fosse possível, agarrávamo-nos com força. Muitos estavam estirados como mortos.

De repente abriu-se uma escotilha e um marinheiro gritou: "Todos os homens para fora a bombar!" Mas já não havia muitos homens que ainda tivessem tanta força. Mulheres e crianças gritavam. Estavam inteiramente fora de si e chamavam. "Deus do céu, nós vamos naufragar, nós vamos naufragar!" - Então se ouviu dizer que o navio tinha sido avariado e que os botes salva-vidas já estavam liberados; todos deveriam sair. Entretanto, não se permitiu a saída de ninguém. Perto da noite a situação ficou tão ruim, que todos pensávamos haver chegado do nossa última hora. Eu acho que esta foi a noite mais longa de minha vida. Quando a manhã chegou, brilhava o sol. O mar ainda estava agitado mas a tempe-

tade ia diminuindo cada vez mais. As pessoas andavam por aí com os rostos pálidos, e a gente mal podia crer que fosse dia claro e nada acontecia. Os homens e marinheiros tinham consertado a a varia ainda durante a noite e agora se procurava consertar os estragos que a tempestade havia deixado. Muitas pessoas continuaram enjoadas por ainda muitos dias. Nossa viagem progredia muito lentamente. Tinha mos vento ponteiro e precisávamos constantemente por nos a barlavento. Com isso um navio a vela não faz muitas milhas por hora. Quando o vento for favorável ele desliza velozmente por entre as ondas. Infelizmente não tivemos vento bom durante toda a viagem.

Primeiro os enjões, depois sarna e piolhos

Mal haviam passado os enjões, houve uma nova surpresa. De repente quase todas as pessoas tinham sarna. Isto não era realmente uma diversão, pois não havia um bom tratamento, e as pessoas ficavam tão próximas umas das outras que não havia proteção contra contágio. Por sorte nossa família ficou poupada dessa doença.

Depois da sarna apreceram os pilhos, e só o diabo sabe de onde surgiram aqueles todos de uma hora para outra. Agora não havia escapatória. Todos tinham de sentar-se a catar piolhos. Os piolhos subiam pelo mastro acima, isto eu mesmo vi.

Agora foram tomadas providencias para prevenir outros contágios. Espalharam clorato de cal e foram feitas defumações com zimbros. Mas isso também não ajudou para melhorar as coisas. Dos piolhos não nos livramos mais, com isso.

A esse tempo já tínhamos também o primeiro morto. Ele nem estivera doente por muito tempo. No terceiro dia, enquanto todos ainda dormiam, seu corpo foi dado ao mar. Oito dias mais tarde morreram outros dois homens os quais, como o primeiro, também foram sepultados no mar.

Meu batismo de passagem no equador

Estávamos então chegando às proximidades do Equador. Agora valia cuidar para que não se fosse apanhado pelo batismo. Quando passamos a linha do sol havia, con

tudo, muitos que estavam curiosos. Eu também subi ao convés, mas mal chegava lá, quando recebi um balde cheio de água do mar derramado sobre a cabeça. Mas na verdade não houve uma verdadeira festa, tal como a que mais tarde vivi na travessia em navio a vapor.

Mas também, ninguém de nós tinha mais ânimo para festejar. A boa disposição desaparecera. A comida era ruim. Havia sempre grande quantidade de carne, mas essa era tão salgada que ninguém gostava de comê-la. Uma vez por semana serviam bolinhos de trigo e frutas, o que sempre nos proporcionava alegria.

Quando, pois, estávamos na linha do equador, ocorreu total calma, com o que devemos ter ficado por uns quinze dias parados no mesmo lugar, sem progredir uma milha sequer. Juntava-se a isto um calor insuportável. Restava só pouca e ruim água potável. Até aí, a água de beber era servida de grandes barris de ferro, que estavam localizados no convés bem amarrados com correntes e cabos. Às vezes nós secretamente abríamos a tampa e descíamos um caneco amarrado por um cordão para dentro de um desses barris, para anzolarmos um pouco de água. A partir de agora, porém, passaram a ser usadas as "doses de ferro" dos barris que se encontravam na parte de baixo no navio. Cada um recebia por dia somente ainda meia garrafa de água para seu uso. Mas nós precisávamos de água também para nosso cão, por isso estávamos felizes por havermos levado aquela garrafa de suco de framboesa.

Chegada ao destino após 91 dias

Finalmente o navio começou lentamente a mover-se, uma noite. Todos respiraram aliviados. Durante o dia o vento ficou mais forte, de modo que por alguns dias a viagem progredia velozmente, e um dia pela manhã, após 3 meses de viagem, vimos surgir montanhas no horizonte. Ali estava a nossa nova pátria diante de nossos olhos. Na noite que se seguiu, conhecemos a primeira tempestade tropical. Havia chovido muito. Meu pai apanhara durante a noite a água de chuva que caía da cobertura das cabines, e se fartou dela para matar a sede. Isto o deixou tão doente no dia seguinte, que temíamos que fosse morrer ainda antes de chegar à terra.

Na noite seguinte ouviu-se o ruído das correntes da

âncora. Isto deixou a todos sem poder dormir. Todos aguardavam o raiar do dia e, ao clarear, vimos que estávamos próximos da costa. Pouco depois surgiu um rebocador que nos conduziu para dentro do porto da Colônia de Sta. Leopoldina. Também veio a bordo a polícia sanitária, depois do que pôde ter início o desembarque. Os primeiros que foram levados à terra foram outros dois mortos, que haviam morrido ainda nos últimos dias. Depois disso, quase todos os emigrantes deixaram o navio.

Nós ainda não podíamos deixar o navio, porque nosso porto de destino era Itajaí, no Estado de Santa Catarina. Antes que seguissemos viagem, vieram nativos em suas canoas e ofereceram frutas frescas. Nós caímos sobre elas como lobos famintos.

Depois de dois dias de parada, continuamos viagem e alcançamos o porto de Itajaí no dia seguinte. Nossa viagem marítima durara 91 dias. Quando anos mais tarde voltamos à Alemanha num navio a vapor, levamos apenas 26 dias.

Em poucas outras ocasiões estivemos tão contentes como agora, que iríamos desembarcar do navio. O navio havia permanecido ancorado bastante longe da terra. Falava-se que o capitão temia a fuga de seus tripulantes e, de fato, quatro marinheiros sumiram. Mesmo nós emigrantes nunca pudemos gostar do capitão e por isso sentimos uma satisfação secreta pelo fato de ele perder seus ajudantes.

Mal estávamos em terra, vimos que nosso navio levantava âncora e lentamente voltava para o mar aberto. Ficamos longamente olhando o navio a se afastar, até que o perdemos de vista. Mas ninguém lhe devotou uma só lágrima de despedida.

Agora estávamos felizes por estarmos novamente em terra e com chão firme debaixo dos pés. Muitas vezes antes tínhamos pensado sobre isto, mas só agora sabíamos bem o que isto significava. Até mesmo nosso Greif estava louco de tanta alegria.

Não nos sobrava tempo para muito pensar. Fomos levados a um grande rancho, e ali recebemos a primeira refeição brasileira. O que nos serviam, nunca o havíamos saboreado na vida, mas o gosto era significativa-

mente melhor do que o da comida de bordo. Depois da refeição, recebemos café de grão. Tão forte era este, que todos retorcemos a boca.

Tapeados por falta de Informação

Agora todos estavam contentes e cheios de confiança. Somente meu pai mostravam um aspecto de desânimo, igual a tres dias de chuva. E para isso tinha ele razões suficiente, pois estava sofrendo uma grande decepção. Quando estávamos tres dias em terra, devia ocorrer a revisão pela alfândega. Nossos caixotes haviam sido embargados elevados diretamente do navio para o depósito da alfândega, pelos agentes alfandegários. Agora quando abrimos os caixotes, o que havia nelles? Nada além de algumas dúzias de lenços e de resto só papel de embrulho. Isto deu uma tremenda discussão! O agente da alfândega parecia querer acabar-se em tanta indignação. Ele argumentava que meu pai obviamente não teria trazido caixas vazias desde a Alemanha. Mas nenhum inquérito adequado foi feito. Nós todos estávamos muito abatidos, pois os lindos rolos de tecidos que meu pai comprara com seu dinheiro tão penosamente economizado, tinham sumido sem vestígios. Por enquanto meu pai foi absolvido com o consolo de que seria instaurada uma severa pesquisa contra ele, pois só ele poderia saber onde tinham ficado as coisas. Disseram que o rancho da alfândega estivera bem trancado e que só os agentes alfandegados tinham a chave. Isto parecia se tornar um caso sério. E o que aconteceu depois disso? Absolutamente nada! Afinal, estávamos no Brasil e não na Alemanha. Só muito mais tarde fiquei conhecendo a solução do mistério, e esta era impressionantemente simples. Apenas precisaríamos ter sabido que um agente alfandegário brasileiro daqueles tempos, estava muito longe de ser o que imaginávamos na pessoa de uma autoridade da alfândega. A coisa se passara assim: Já no primeiro dia de nosso desembarque, um comerciante procurou travar conhecimento com meu pai e logo ganhara a sua confiança. Esse "honesto" comerciante bem cedo descobriu os valores que meu pai trazia. Ele farejou um bom negócio e começou a encher a cabeça de meu pai, dizendo que as autoridades alfandegárias iriam castigá-lo pesadamente e além disso as mercadorias seriam confiscadas. Que havia uma única solução: A mercadoria deveria desapa

recer antes da revisão da Alfândega. E o prestativo comerciante se ofereceu até para comprar a mercadoria a preços de compra, naturalmente por mera boa vontade. Falou que iria conseguir a chave do depósito para a noite seguinte. Meu pai caiu inteiramente na conversa do comerciante e, na noite seguinte, ajudou o mesmo a retirar as mercadorias. Assim aconteceu que meu pai foi induzido a participar do roubo de suas próprias mercadorias. Mais tarde foi-nos fácil deduzir que o agente da alfândega estava mancomunado com o comerciante, senão como teria este a chave do depósito. Por isso mesmo também não se realizou a anunciada severa pesquisa contra meu pai.

Comprando de volta seus próprios tecidos pelo triplo do preço

Na pequena cidade de Brusque minha mãe comprou, cerca de um ano mais tarde tecido para roupas que procedia de nossos caixotes. Teve de pagar bem o preço triplicado. Aí compreendemos bem o que havia acontecido. Mas é o que ocorre a um servente vaqueiro que da noite para o dia se torna comerciante. Este é o preço do aprendizado.

A Colônia Itajaí, nossa pátria

O porto em que estávamos, em chamado de Barra pelos seus habitantes, embora seu verdadeiro nome fosse Itajaí. Também a colônia em que morávamos chamava-se Itajaí. Nosso endereço completo era Colônia Itajaí, Brusque, Provincia de Santa Catarina, Brasil. As provincias foram subdivididas em colônias. Entretanto cada propriedade rural também levava o nome de colônia. Não havia plantadores e sim fazendeiros ou colonos. Nossa colônia com a cidadezinha Brusque se localizava à beira do rio Pequeno Itajay. A colônia nossa vizinha era a colônia inteiramente alemã, de Blumenau, que se situa às margens do grande rio Itajaí. Os rios Itajaí mirim e açu nascem no mesmo ponto. Entretanto seus cursos se afastam bastante um do outro. Brusque e Blumenau situam-se diretamente junto a esses rios, mas distam uns cinquenta quilômetros entre si. Somente o rio Itajaí açu é navegável até à cidade de Blumenau. Antes que os dois rios desaguem no mar, juntam-se novamente. Ambos têm uma largura considerável

antes de sua desembocadura. De uma margem ainda mal de divisa um objeto maior na margem oposta. Já estávamos durante toda uma semana no porto de Itajaí, e nossos pais começavam a ficar impacientes. Eles não podiam a guardar a hora de chegar a seus pontos de destino. A viagem até lá tinha de ser feita em canoas e o canoeiro não queria fazer a viagem porque o rio Itajaí naquela ocasião estava com enchente. Repetidamente nos diziam que seria muito perigoso viajar agora.

Nós crianças não sofriamos de tédio. Estávamos muito satisfeitos em nossa nova pátria. As pessoas eram muito agradáveis e nos presenteavam muitas vezes com laranjas e bananas. Isto naturalmente era algo que nos agradava. Aliás não entendíamos coisa alguma do que falavam, pois nessa uma semana havíamos aprendido uma única palavra brasileira, que era: "Nointente", que significa: Eu não entendo. Mas essa uma palavra conseguimos nos defender muito bem.

Uma perigosa viagem de canoa

A enchente do rio Itajaí começou a ceder e então os nossos pais fizeram forte pressão para que se fizesse a viagem. Eles próprios fariam o trajeto por terra. nossas mães e nós seguimos de canoas, nas quais estavam também embarcadas as nossas coisas. Quão perigosa poderia ser uma viagem ainda agora, foi o que cedo vimos a saber.

O canoeiro finalmente havia cedido. Além dele havíamos levado mais tres outros canoeiros. Uma canoa dessas se chama lancha. Tem cerca de dez metros de comprimento e é muito larga. As beiradas desses barcos eram bem largas e os canoeiros andavam por cima dessas beiradas, empurrando as canoas adiante com o auxílio de longas varas. Quando iam rio abaixo, o trabalho lhes era fácil, pois precisavam apenas afastar os botes das margens, com suas varas, para que permanecessem no meio do rio.

Um dos canoeiros nos acompanhava numa pequena canoa. Assim que chegava-mos a um ponto de maior correnteza, ele nos conduzia para perto da margem e puxava o bote pelo qual antes prendia uma corda, até nos passar a lém das corredeiras. Só que isto não era assim tão simples. Às vezes havia necessidade de emendar várias cordas umas às outras. Nem sempre o canoeiro conseguía

segurar o bote; porisso amarrava a corda numa árvore à margem, puxava então nosso barco pedaço por pedaço adiante, sempre amarrando uma corda numa árvore seguinte. Para um homem só, isto é um trabalho muito penoso. À noite fomos puxados para a margem. Mas essa margem era uma casa construída sobre pilares dentro da água. Pertencia a um brasileiro que nos recebeu com hospitalidade e onde encontramos abrigo por uma noite. Tínhamos subido do barco para a casa por uma frágil escada, e descobrimos então que a casa constava de um único cômodo. A família do nosso anfitrião constava de tres pessoas. Agora, de repente se juntavam mais treze pessoas a elas, o que dá uma idéia de como mal nos podíamos movimentar dentro da pequena casa. O brasileiro nos serviu com bananas e os canoieiros se puzeram a cozinhar e assar. Depois do jantar o brasileiro estendeu esteiras no chão. Estas eram feitas de uma espécie de junco e do tamanho de um colchão. Ao menos podíamos estender sobre essas esteiras os nossos cobertores, que trazíamos dentro de sacos; senão não teríamos podido dormir. O brasileiro é muito menos exigente; para ele, é suficiente ter uma esteira estendida no chão duro.

Na manhã seguinte estávamos de pé já bem cedinho. Os canoieiros tinham pernoitado nos barcos. As águas tinham baixado mais um pouco durante a noite, mas mesmo assim ainda estavam tão altas que o rio ultrapassava suas margens. Na próxima noite aportamos num campo de pastagem. Havia um rancho num ponto alto desse pasto, de modo que encontramos um bom lugar enxuto. Lá fizemos fogo e fervemos café. Houve também outra vez uma refeição, feita com farinha de mandioca e acompanhada de carne de gado seca, assada no espeto, que era muito gostosa. Lá essa carne é chamada de carne-seca. Depois a saboreamos com gosto por muito anos ainda. O dia seguinte se tornaria o mais perigoso de toda a viagem. Tínhamos de enfrentar muitos pontos com correnteza, e o canoieiro que nos puxava para acima delas precisava usar de toda sua força para consegui-lo. As vezes mal conseguia mover o barco do lugar.

Havíamos chegado assim a um ponto de grande correnteza. Já por si o aspecto era perigoso, e nosso barco pesadamente carregado era lançado de um lado para outro. Quando novamente o tínhamos amarrado numa árvore, caímos todos para trás e vimos então que a corda se havia

rompido. O barco saiu feito uma flexa água a dentro. Antes que nos dêssemos conta do que sucedia, fomos colhidos por um enorme redemoinho, e então começou um trajeto que pelo resto de minha vida não esquecerei. O barco rodopiava como se fosse um pedaço leve de pão de modo que quase perdemos os sentidos. A qualquer momento o barco podia virar e tínhamos a sensação de que não mais podíamos sair desse lugar. Mas parece que não era para ser assim. Como realmente sucedeu, eu não sei, mas subitamente pareceu que o remoinho saiu de debaixo de nós e então estávamos livres, graças a Deus!

Colonos brasileiros muito hospitaleiros

No próximo dia progredimos mais rapidamente na viagem. Dormimos mais algumas noites em casas de colonos brasileiros. Eles nos davam comida e bebida o melhor que podiam. Os brasileiros são muito hospitaleiros.

Após oito dias chegamos finalmente a Brusque, numa tarde de sábado. Havíamos levado toda uma semana para um trajeto de 55 quilômetros. Estávamos muito felizes em rever nossos pais e irmãos. Eles já estavam muito preocupados conosco e lamentavam sua própria impaciência. Não podiam compreender porque nos demoramos tanto a caminho, pois eles haviam chegado a Brusque já dois dias após sua partida a pé, embora tivessem de desviar-se do caminho muitas vezes, por causa da enchente. Na verdade não havia um caminho propriamente dito, mas somente uma picada, uma passagem estreita por entre árvores e moitas que mal dava para se passar com um burro carregado.

Este "Prazer" não nos custou nada, porquanto a viagem com o barco foi pago pelo governo brasileiro.

Os primeiros dias em Brusque

Nossas tres famílias foram alojadas numa casa relativamente grande. A noite recebemos realmente comida quente. Nessa nossa primeira noite após nossa chegada pudemos também novamente dormir profunda e longamente. Deitávamos sobre sacos de palha, enchidos com palha de milho esfiapada. Era muito bom dormir sobre eles. Ao todo tínhamos então estado viajando durante 16 semanas.

No dia seguinte era domingo, e tivemos o dia inteiro para conhecer nossa cidadezinha. Na Alemanha um lugar tão pequeno seria chamado de vila, pois na cidade de Brusque moravam somente duzentas pessoas. Aliás toda a colônia de Brusque contava somente 600 habitantes, e estes estavam espalhados por uma área de cerca de 70 quilômetros de extensão. Pode acontecer assim que se anda muito tempo até chegar à casa mais próxima. Na segunda-feira que se seguiu, nossos pais se dirigiram à Direção da colônia. Ali lhes foi entregue uma doação em dinheiro e uma ajuda de 60 Milreís para a construção de uma casa. Ao todo tínhamos recebido 140 milrêis. Conforme nos havia sido prometido, recebemos também logo as ferramentas mais necessárias.

O sorteio de nossos lotes de colônia

Nossos pais tiveram de escolher à sorte, com o que ficou determinado qual o lote que cada um receberia.

Duas das colônias sorteadas ficavam próximas uma da outra, e aconteceu que a família Bruns e nós viemos a nos tornar vizinhos. Iríamos juntos para uma região chamada de Lajeado. Da família Hort tivemos de nos despedir, pois iriam ficar numa outra localidade.

Lajeado, que agora seria nosso futuro lar, ficava a cerca de tres horas distante de Brusque. O primeiro trecho, de aproximadamente duas horas, já estava um pouco mais povoado. Os colonos daí eram quase todos imigrantes vindos do sul da Alemanha. A hora seguinte de caminhada ia através de selva bruta. Lá já moravam seis famílias, sendo que os dois lotes de colônia que ainda não estavam habitados, certamente haviam sido medidos juntamente com os outros seis.

Portanto recomeçou a viagem. Primeiro partiram os homens sozinhos, pois era necessário que primeiro se fizesse uma casa. Só que isto levou pouco tempo. Em catorze dias a casa estava prontinha de pé. Aliás, não se via nela uma pedra e nenhum prego. Foi construída com palmeiras, que existiam em grande quantidade na mata. Os troncos das palmeiras tinham de 10 a 15 metros de altura e cerca de 4 a 6 polegadas de grossura. Tal como haviam crescido, foram aproveitados como esteios e vigas. Quando se quer usá-los como táboas, são simplesmente cortados ao comprido. Deste modo também é fácil

fazer a armação do telhado com esses troncos de palmeiras.

Camas diferentes das da Alemanha

Quando nossa casa estava quase pronta, já foram construídos também os leitos. Para isso batíamos quatro estacas de palmeira no chão, amarrávamos nelas sarrafos de palmeiras, destávamos outros sarrafos de palmeiras apoiados sobre estes, e pronta estava a cama. Bem por fim, batemos bem o chão de barro dentro da casa. Agora a casa estava pronta para ser habitada. Até ali, tínhamos continuado a receber alimentação por parte da direção da colônia. Quando mudamos para nossa casa, isto terminou. A viagem de Brusque para nossa colônia foi feita em carro de boi. Partimos de manhã cedo e chegamos ao nosso terreno perto do começo da noite.

Começa a urbanização

No dia seguinte começou o preparo da mata p/cultivo. Primeiro foi cortada a vegetação baixa cerrada. Para isso usava-se uma foice, que é uma faca curva de muito bom aço. Após a vegetação baixa chegou a vez das árvores. Meu pai havia contratado um ajudante, e meu irmão que já estava então com 15 anos de idade, tinha de participar todo dia também, dos trabalhos. Eu mesmo não podia ficar preguiçoso, pois já tinha completado meus dez anos de idade quando em alto mar. Assim, cada dia recebia minha cota de árvores menores para derrubar.

De início plantamos milho, arroz e batatas doces. Milho e arroz todo mundo conhece; mas as batatas? São batatas adocicadas. Tal como em nossas batatas daqui, existem diversas variedades. A batata doce faz barços como os pepinos. Também, não se plantam os tubérculos e sim as ramas. A batata doce tem gosto muito bom. Pode-se plantá-la e colhê-las o ano inteiro, de modo que se tem fresquinhas.

Havia também uma espécie de batatas que chamávamos de cará. As raízes eram moidas e misturadas na massa de pão. No primeiro tempo havia pão somente de farinha de milho, e só com o cará ralado é que o pão se torna va gostoso para nós. Com dinheiro e boa conversa, conseguimos plantar todo o terreno que tínhamos consegui

do preparar. Depois disso, tivemos primeiro um bom descanso e podíamos pensar em outras coisas.

Como eu passava o dia

Eu tinha quase o dia todo de tempo livre para mim. A quem não havia escola. Meu pai, que no momento também não tinha muito que fazer, me disse: "Agora deves primeiro aprender a atirar!" Como velho soldado, meu pai sabia muito bem lidar com uma espingarda. Eu tive de desmontar a arma e montá-la novamente. Aprendi como se limpa uma arma e, sobre tudo, como se deve segurá-la e carregá-la. Quando eu tinha onze anos, sabia lidar melhor com a espingarda do que com uma pena de escrever.

Como no momento meu pai tinha só pouco a fazer, ia cada mês por 8 ou 14 dias trabalhar a contrato. Estavam chegando sempre mais imigrantes, e por isso o governo mandava fazer estradas. O trabalho era feito por empreitada. Meu pai ganhou bom dinheiro com isso. Também meu irmão participava desse trabalho.

Um cavalo se tornou ajudante

Meu pai e meu irmão muitas vezes que caminhar longas distancias até seu local de trabalho. Não podiam voltar para casa todos os dias. Também as compras em Brusque que requeriam muito tempo. Por isso meu pai comprou um cavalo.

Como não tínhamos comida para o cavalo, eu tive de sair a procura de trato para o mesmo, que na maioria consistia em folhas de cana.

Um assalto por índios

O proprietário de uma serraria localizada nas proximidades, chamava-se Paul Kellner e havia imigrado um ano antes de nós. Era originário de Düwesdorf perto de Braunschweig. Durante um assalto feito por índios acabou perdendo a vida. Ele estivera trabalhando com diversas outras pessoas na beira do rio, quando de súbito a água começou a ficar turva. Os homens primeiro pensaram que teriam sido porcos do mato que haviam atravessado o rio mais acima. Um deles falou: "também poderiam ser bugres". É assim que se chamam os índios. Mal ele acabava de fa

lar, já começavam a voar as flexas. Vários brancos foram mortos. Paul Kellner levou uma flexa nas costas, a qual não podia ser retirada porque tinha gancho-contra. A flexa teve de ser cortada fora em Brusque.

Na selva nunca me sentia entediado. Às vezes passava horas por lá. Se então eu voltava com um pássaro grande ou mesmo vários, minha mãe se alegrava com a caça que eu trazia e que ela podia aproveitar muito bem na cozinha. Mas ela também se alegrava por me ver de volta são e salvo.

Antes de nos deitarmos para dormir, à noite, eu tomava a espingarda e dava alguns tiros no ar como prevenção. Todos os colonos faziam isso. Era para que os índios se amedrontassem se ouvissem que tínhamos armas de fogo. Em nossa colônia ficamos poupados de assaltos por índios.

Na selva não poderíamos progredir

Com o passar do tempo vimos que eu poderia ficar só na colônia com minha mãe. Nós tínhamos adquirido galinhas e também comprado uma cabra. Isto em nada me entusiasmava, porque agora eu tinha de procurar trato para o cavalo e mais a cabra. Então já colhíamos alguma coisa. No entanto, descobrimos que o solo justamente nesse lugar não era bom. Tiveramos grande azar no sorteio. Os colonos vizinhos já nos haviam aconselhado a de preferência procurar um outro lugar, pois aqui certamente não chegaríamos a nada.

A mudança

Meu pai também não pensou mais muito tempo, e se pôs a caminho para o Cedro Grande. Esta era a localidade em que, no sorteio das terras, a família Hort tinha recebido sua colônia. Ali havia também ainda vários colonos ingleses. O segundo vizinho da família Hort, também um inglês, queria vender sua colônia, a qual meu pai imediatamente comprou. Não era bom, que tínhamos de comprar uma colônia a dinheiro vivo. Mas nunca nos arrependemos disto mais tarde.

Agora o trabalho começava realmente. Meu irmão não tinha vontade de trabalhar na colônia e queria se tornar carpinteiro. Meu pai não o deixou angustiado por muito

tempo e o encaminhou para aprendizado com o carpinteiro Bruns. A família Bruns também não tinha se agradado de sua primeira colônia e por isso arrendou uma colônia perto de Brusque.

Dois ovos cozidos pelo aniversário

Nesse meio tempo ganhei uma irmãzinha. Também nesse tempo ocorreu meu aniversário de 11 anos. Hoje gosto muito de lembrar aquele dia e também já muitas vezes falei sobre ele. Eu recebi como presente de aniversário dois ovos cozidos acompanhados de batatas de nossa primeira colheita na terra estrangeira.

Em pouco tempo estava tudo preparado para que se realizasse nossa mudança, que levou uma semana inteira. Nossa carroça, que meu pai tinha mandado fazer na oficina de Schöningen, nos foi então de boa serventia.

Nossa propriedade crescia a olhos vistos

Moramos por mais dois anos nessa nossa casa; depois disso, as coisas se tornaram mais sehoris para nós: construímos uma casa verdadeiramente de enxaimel. As paredes eram de bonitas táboas lisas, pelas quais não precisamos pagar em dinheiro porque tínhamos fornecido as árvores para fazê-las. O telhado por enquanto ainda era de folhas de palmeira. Cinco anos mais tarde já havia telhas de barro; então também logo cobrimos nossa casa com telhas. A casa velha passou a ser usada como cozinha.

As próximas construções foram uma pocilga e um rancho. Meu pai não descansava antes de ter tudo assim como um dia havia sonhado. Em pouco tempo havia doze leitões brincando na pocilga. Isto ao menos já dava vida e a coisa ia tomando um bom aspecto, com o tempo. Logo depois construímos também um galinheiro.

"Pronto, agora o mais necessário está feito" disse meu pai, "e agora vamos abrir mais a mata, para que tenhamos mais lavoura!" começamos imediatamente, e derrubamos cerca de dez jeiras de mata. Quem nunca participou disso, não faz idéia do trabalho enorme que isto significa. Ainda que eu não pudesse ir à escola, não me era possível ficar na preguiça. Aos doze anos já tinha calos nas mãos, como um homem velho.

Conseguimos realmente que, para a época de plantio principal em agosto e setembro, a terra estivesse pronta para o plantio. Pode-se plantar também ainda em outubro. Em fevereiro e março já vem uma nova época de plantio para uma série de produtos. Fora dos meses maio junho e julho, pode-se plantar durante quase todo o ano. Nesses últimos meses mencionados, o crescimento para praticamente todo.

Nossas lavouras eram ocupadas principalmente por milho feijão, arroz e cana de açúcar. Além das lavouras tínhamos instalado também algumas jeiras de pastagens, e um dia meu pai comprou uma novilha pronta para dar cria.

Após alguns anos tínhamos 20 cabeças de gado

Havia levado um ano e meio, até chegarmos a ter leite manteiga e ovos. Já então não estávamos mais dependendo tanto dos vizinhos. Um pouco mais tarde meu pai comprou mais uma vaca, e depois de alguns anos tínhamos já mais de 20 cabeças de gado no pasto. Isto deixava meu pai especialmente orgulhoso.

Eu já mencionei que a colônia Blumenau ficava a uns cinquenta quilômetros distante de nós. Ela recebera seu nome do Dr. Blumenau, que ali tinha fundado a colônia alemã. Esse Dr. Blumenau mandou buscar na Alemanha cinco touros reprodutores do leste da Frísia, dos quais porém somente sobreviveram dois. Estes se tinham aclimatado bem, e deles descendiam nossos dois touros de criação. Outros imitaram nosso exemplo, e desse modo meu pai contribuiu com sua parte para que nosso gado do leste da Frísia fosse introduzido no Cedro Grande.

Aumento da propriedade adquirida de um inglês e um sueco

Estávamos aproximadamente três anos em nossa colônia, quando meu pai comprou a colônia de nosso vizinho um inglês. Com isto nos tornamos os vizinhos mais próximos da família Hort. Depois de mais um ano, meu pai comprou também ainda a colônia de um sueco, que era igualmente nosso vizinho.

Possuíamos então as três maiores colônias de todo o distrito. Enquanto as outras colônias davam frente

somente a um lado da estrada, essa passava bem no meio de nossas tres colônias, de modo que nossa propriedade ficava de ambos os lados da estrada.

Onde quer que houvesse algo a realizar, meu pai imediatamente se apresentava. No quarto ano após nossa chegada ao rio do Cedro, construímos uma usina de açúcar. Mas ninguém deve imaginar que fosse uma espécie de fabrica de açúcar. Era um mecanismo bem simples: Num grande rancho funcionavam tres grossos rolos de madeira dura, sobre os quais havia grandes rodas dentadas. Os rolos eram acionados por uma nora, a qual era puxada por um boi. Com os grossos rolos a cana de açúcar era esmagada e o suco corria do rancho para um segundo compartimento, que ficava um pouco mais baixo. Neste encontrava-se um grande panelão de cobre, dentro do qual o caldo de açúcar era fervido. Cozinhava-se açúcar tres vezes por dia, com o que produziámos a cada dia 2.1/2 quintais de açúcar. A par disso, também se destilava cachaça dessa pequena distilaria era igualmente muito simples. Justamente no ano em que construímos o moinho de açúcar, eu tive de acompanhar as aulas para minha Confirmação. Isto tornava as coisas duplamente pesadas para mim. De manhã eu assisti às aulas e à tarde tinha de aplicar-me em ajudar. Nosso Pastor não exigia demais de nós. O que, afinal, poderia ele fazer conosco? A maioria nem ler e escrever sabia! Eu pertencia aos poucos alunos que sabiam ler e escrever, mas isto também não ia muito longe, pois naqueles quatro anos eu não mais tinha visto uma escola.

Um cavalo como presente de Confirmação

Eu mal podia aguardar o tempo de minha Confirmação, pois o presente de Confirmação seria um cavalo próprio. Que alegria foi isso para mim! Antes disso já tínhamos dois cavalos e mais tres mulas. No Brasil todos andam montados, os homens tanto como as mulheres e crianças. Quasé todas as crianças iam a cavalo para a escola; algumas percorriam longos e isolados caminhos através da selva Assim também ocorreu com minha mulher. Quando ainda era menina, tinha de cavalgar inteiramente sozinha através da selva para ir à escola.

Eu cavalguei o Max por muitos anos, até que ficou velho demais para mim. Então comprei um cavalo novo.

Isto não foi um gasto muito grande, pois os cavalos eram baratos de se obter. Quando alguém lá compra um jovem cavalo de montaria, isto não é muito diferente de quando alguém aqui compra uma bicicleta!

Bons burros às vezes custavam mais que cavalos. O mais caro eram os bois, mas para isso eles também rendiam algumas coisa. Com bois se tocavam as noras, com eles também se arrastavam as toras de dentro da mata, e isto dava bom dinheiro, pois era madeira útil de primeira classe. Às vezes havia entre elas algumas toras que necessitavam de dez a doze bois para serem puxadas.

Finalmente foi adicionado ainda um moinho

Se houvesse alguma possibilidade, certamente meu pai também teria instalado uma serraria. Afinal ele era um homem voltado para o progresso, como a maioria dos alemães no Brasil. Quando surgiu uma oportunidade de comprar um moinho, ele a aproveitou imediatamente. Tinha conseguido comprá-lo relativamente barato, pois antes de estar nas mãos de meu pai esse moinho pouco rendeu. Os outros colonos meneavam a cabeça quando meu pai comprou esse moinho, mas ele certamente sabia o que queria. O moinho se tornou um excelente negócio para nós, necessitando apenas que se providenciasse mais água para tocá-lo, o que se conseguiu com relativa facilidade. Cerca de uns 20 minutos distante de nossa casa, corria um pequeno rio que, justamente nesse ponto, passava por um vale bastante estreito. Meu pai simplesmente mandou construir nesse ponto um dique. Conduzíamos então a água represada até nossa colônia. Desde que tínhamos, ao lado de nossa lavoura, nossa usina de açúcar e nossa destilaria, ainda mais esse moinho, não nos sobrava mais tempo algum, de tanto serviço que havia a fazer. Nos estabelecimentos anexos tínhamos trabalhadores, mas na própria colônia contávamos com apenas um servente. Com isso haviam se acabado para mim as caçadas e pescarias.

As tres famílias novamente reunidas

Quando morávamos no Cedro Grande havia quase tres anos, novamente ficou disponível uma colônia vizinha, e ficamos contentes que a família Bruns veio morar nessa colônia. Tinham desistido de sua colônia arrendada perto de Brusque.

Assim, as nossas tres famílias estavam novamente reunidas. Como meu pai transformara tres colônias grandes numa só, naturalmente a colônia dos Bruns era bastante menor. Mas o velho Bruns e seu filho mais velho não ficavam em casa durante o dia, e muitas vezes também à noite. Eles quase não davam conta de tanto trabalho. Cada vez mais se construiam modernas casas de enxaimel. O carpinteiro Bruns construia não somente casas, mas também pontes. Entre outras construções, fez também a de duas lindas igrejas, uma evangélica e uma católica.

Uma onda de imigrantes

Nos anos setenta alçou-nos uma verdadeiro onda de imigrantes e avançou mais selva a dentro. Entre eles estavam representadas as mais diversas nações: russos, poloneses, espanhóis, franceses. De uma feita vieram 270 franceses de uma só vez, mas todos eram daqueles que não conheciam o trabalho. Alguns puderam manter-se, muitos voltaram, mas a maioria sucumbiu. Mas vieram também muitos outros imigrantes da Alemanha (Hinterpommern) e em meados dos anos setenta imigraram muitos tirolezes e italianos. Esses eram pessoas pouco exigentes e que sabiam e gostavam de trabalhar. Eram medidas sempre mais novas colônias, e então recomeçavam as lutas com os índios. Estes matavam os colonos, devastavam as colônias e até voltavam a fazer investidas até perto de nossa casa. Infelizmente conseguiram matar mais muitos colonos nas nossas cercanias.

Quando a praga dos índios se tornou excessiva, recebemos duas Companhias "Militares". Um dia um colono nos contou que já os vira marchando. Na maioria eram negros havendo apenas alguns brancos com eles! Muitos eram casados e traziam consigo suas mulheres e crianças. Bem cedo ficamos conhecendo-os melhor, e em pouco tempo se dizia: "Eles são pretos como corvos e sabem também roubar como corvos". Os índios certamente tinham tão pouco respeito pelos "Militares" como nós, e nós passamos a ser os tolos nessa história, pois além dos vermelhos tínhamos agora também os pretos a nos incomodar. Esses "soldados" nem pensavam em encontrar e perseguir os bugres. Por enquanto iam levando uma boa vida. Quando um dia foi encontrado um jovem alemão de vinte anos, que havia sido morto à noite atravessado com a espada por um negro, isto foi a última gota.

Ocorreram hostilidades abertamente e chegou mesmo a haver um levante formal dos colonos contra os soldados da milícia, e daqueles negros nenhum mais podia aparecer. Por isso o governo os retirou de volta.

Dirigente de uma casa de comércio na selva

Com os novos imigrantes entrou muita vida nova na região. Nossos negócios iam às mil maravilhas. Os italianos consumiam muita farinha de milho, com a qual faziam a sua "polenta". Para isso, a farinha, de milho é simplesmente misturada a água fervente até que fique engrossada e firme. Para mim começou um novo trabalho: A cada dois dias eu tinha de levar a mercadoria até os italianos, com quatro burros carregados. Eu próprio montava meu cavalo, que além de mim carregava mais um quintal de mercadorias. A cavalgada através da selva levava de duas a quatro horas, quando também havia muitas aventuras a superar.

Depois de algum tempo fui absolvido desse trabalho. Nosso empregado fazia a partir de então o transporte, e eu passei a residir inteiramente na colônia italiana. Recebi um homem como acompanhante e ajudante e, em oito dias tínhamos construído uma casa com uma loja de vendas. Os colonos de bom grado nos cederam um lugar para a construção, pois estavam contentes que podiam comprar localmente todo dia as mercadorias necessárias. Aí eu levava uma vida preguiçosa, porque, quem queria comprar vinha pela manhã ou à noite. No tempo restante, eu fechava minha loja ia caçar.

Quando eu estava lá sozinho havia cinco meses, tive vontade de visitar nossa casa. Meu pai me substituiu. Agora, que por pouco tempo estava em nossa colônia, eu não tinha vontade de assumir novamente a casa de comércio. Meu pai também não me forçou mais, pois a ele as 24 horas já tinham sido demais. Eu só tive de voltar lá para vender a loja e as últimas mercadorias ao nosso concorrente, o qual havia pouco tempo tinha igualmente construído lá uma casa de comércio. Ele ficou contente que nós lhe saíamos do caminho.

Para mim havia agora bastante o que fazer na colônia. Começava a colheita de cana de açúcar e eu tinha de cozinhar o açúcar e destilar a cachaça. Disto eu tive de

cuidar sozinho a partir do meu 14º aniversário.

O que havia surgido do mais modesto começo

Podíamos nos orgulhar agora de nossa colônia. A cada ano abatíamos alguns bois ou vacas, de vez em quando um porco. Mas a carne de porco não é tanto consumida no Brasil. Com aquele calor, facilmente se pode com isto ter erupções da pele. Tanto mais comíamos carne de boi. Era muito gostosa, embora fosse seca. Logo após a matança, cortávamos a carne em pedaços grandes que eram colocados sobre umas armações de madeira. Debaixo dessas armações era mantido fogo baixo, que no começo devia fumar bastante, para que não pousassem moscas sobre a carne. Após oito dias a carne estava inteiramente seca. Conservava-se por muito tempo e era especialmente saborosa. Na colônia tínhamos também algumas centenas de galinhas, patos e gansos e correr no terreiro, portanto sempre podíamos ter suficiente carne fresca. Havia diversificação suficiente em nosso cardápio.

Comíamos também muitas frutas. Havia-as em grande quantidade. Somente em nosso terreno conhecíamos quatro espécies de bananas e tres espécies de laranjas. Havia também figos, que frescos têm gosto bem diferente dos figos secos. Incrível quantidade de pêssegos crescia nas árvores. Havia ainda pés de mamão, muitos abacaxis e limões, que às vezes vinham a apodrecer a centenas e centenas. Também, não os tínhamos plantado para colher, e sim como cerca viva em torno da metade de nossas pastagens. Entre os limoeiros havia também ananás de vez em quando. Essas plantas têm fortes espinhos; quando se cultiva as plantas jovens com cuidado como cerca viva, em poucos anos se tornam tão intransponíveis como um muro. Ali não passa mais nenhum gado, nem porco, nem mesmo uma galinha.

Aí chegou a saudade para meu pai

O que ainda nós poderia faltar? Meu pai alcançado seu objetivo. Era seu próprio patrão, em chão e terra própria, e essa terra nos dava generosamente o que precisávamos. Mas ela não o dava de graça. Custou-nos muito esforço e trabalho no primeiro tempo, e também muitas privações, até chegarmos onde estávamos. Mas também valeu a pena. Sempre dá, se a gente só não se deixa

abater. Quem for fraco, estará perdido lá no outro lado.

Não haveria sentido em aumentar ainda mais nossa colônia, que assim mesmo já era a maior delas. Às vezes mal sabíamos o que fazer com a colheita. A cidadezinha de Brusque crescera entrementes para mil habitantes. Para lá vendíamos várias coisas; Mas os comerciantes também queriam vender e não gostavam de pagar em dinheiro, dando-nos mecadorias em troca, de modo que se desenvolveu um verdadeiro comércio de permutas. Mas nem sempre as coisas transcorriam tão bem, como pode parecer pelo meu relato. Muitas vezes tínhamos também preocupações. Nos meses de chuva - maio, junho e julho, estas eram mais frequentes. Então o gado estava no pasto e ficava áspere e magro. Se geava durante as noites, ficava tudo especialmente sério. Podia acontecer que o capim fosse destruído pela geada. Também não ficamos livres de doenças.

A maior preocupação constava da colocação de nossos produtos. Com isso não precisavam se preocupar os que tinham colônias menores. Eles viviam bem e tinham fartura de tudo do que precisavam para viver. Mas para meu pai isto não era suficiente. E depois de dez anos aproximadamente, meu pai começou a reclamar daqui e dali e coisas de nossa nova pátria. Finalmente apareceu com novos planos. Agora tínhamos o bastante para comprar uma propriedade na Alemanha, dizia ele. E depois de mais dois anos ele não mais conseguia suportar a saudade de sua velha pátria. Primeiro pensávamos que estivesse brincando, quando falou em voltar para a Alemanha. Nós jovens não podíamos entender isto bem, pois havíamos crescido na terra estranha. Amávamos nossa pátria alemã e tínhamos orgulho de sermos alemães, pois víamos como os alemães se haviam mantido aqui. No entanto não sentíamos saudades, pois tínhamos nossos pais e nossos bons amigos.

Entrementes eu havia casado com a mais nova das filhas da família Bruns, e meu irmão mais velho, que se tornou carpinteiro, casara alguns anos antes com a irmã mais velha de minha mulher.

... e nossa volta à pátria

Quando meus pais retornaram para a Alemanha, assumi sozinho toda a colônia de meu pai. Não demorou muito para

chegarem as primeiras notícias vindas da Alemanha. Meu pai havia comprado, no município de Helmstedt, u ma casa e dez jeiras de terra, e assim viviam em tres na sua pequena propriedade, pois haviam levado consi go minha irmãzinha, que também já estava com mais de dez anos de idade.

As cartas da Alemanha se tornavam cada vez mais insis tentes. Meu pai escrevia que já estava ainda muito ma is bonito. Em resumo: Não havia no mundo lugar melhor do que a Alemanha, a mesma terra que antes não lhe a gradara mais, porque não tinha podido pisar em seu próprio chão. Passaram-se alguns anos, mas meu pai não perdeu a esperança de que eu o seguiria. Ele não pa rou de insistir, e assim acabou conseguindo isto tam bém. Aliás houve mais outra coisa, que fez com que tam bém eu perdesse o gosto de permanecer na nova pátria, o Brasil.

Talvez eu não tivesse tornado a ver meus pais a minha irmã, se não tivessem ocorrido fatos tristes em nossa percentagem. Agora, que tudo parecia estar bem e pode ríamos viver felizes, agora vinha a morte e modifica va tudo. Primeiro faleceu minha sogra. Foi um golpe duro para minha mulher, e quando a deitamos na terra não pudemos deixar de sentir todos, que a estávamos sepultando em terra estranha. Meu sogro havia caído da construção de uma igreja e alguns anos depois tam bém ele morreu. Mal havíamos superado também isto, quan do uma desgraça colheu meu cunhado mais novo: Ele foi mordido por uma cobra venenosa. Por longo tempo perma neceu definhando. Quando finalmente voltou a ter saú de, nossa alegria era grande. Eu nunca esquecerei o dia em que, pouco depois de sua cura, tombou com o ca valo. Acharam-no lá fora e o trouxeram para casa, mor to - com a nuca partida. Então eu não tinha mais muí to ânimo e queria eu mesmo voltar novamente para a pá tria. Eu vendi a colônia e me despedi. Para minha mu lher isto custou muito.

Quando fizemos nossa viagem de volta num moderno navi o a vapor, em 16 dias, muitas vezes tivemos de nos lem brar de nossa primeira travessia no mar com o navio de imigrantes.

Tradução : Ursula Rombach
Gentileza: Família H. Poepper

DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO
DE SCHNÉEUBURG - REFERENTES A JANEIRO DE 1.867.

Nº 1 - Directoria da Colônia Itajahy-Brusque, em 3 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Snr.

Tenho a honra de apresentar com summo respeito
à Va.Ea. o relatório e mappa estatístico aqui junto,
sobre o estado actual desta Colonia e os seus movimen-
tos no anno de 1.866 e sollicito com todo acatamento
que Va.Exa. Se Digne de tomar as noções e necessidades
neste relatório mencionadas naquella consideração e
aprovação que Va.Ea. na Sua alta justiza julgar mere-
cer este Estabelecimento do Governo.

Dêos Guarde á Va.Exa.

Illmo. e Exmo. Senr.

Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digno. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnéeuburg

Nº 3 - Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 5 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Snr.

Foi-me apresentado pela Communidade Catholica des-
ta Colonia o requerimento incluso com o pedido de re-
mettel-o á Va.Ea., o que faço respeituosamente, não
tendo sómente nada de oppôr á dita petição, como até
reconhecendo á razão da petição, uno o meu pedido
com o dos requerentes.

782

Déos Guarde á Va.Ea.

Illmo. e Exmo. Senr.
Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digno. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnëeburg.

Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 6 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo.
Secretario do Governo Provincial de
Santa Catharina

Tenho a honra de remeter aqui junto os officios
inclusos, acompanhados por dous tubos de folha de Flan
dres, que contem o relatorio e mappa estatistico da
Colonia do anno de 1.866. pedindo respeitosamente à
Exma. Secretario, que Se Sirve de mandar fazer chegar
à seus destinos.

Déos Guarde esta Exma. Secretaria.

O Director da Colonia
Barão de Schnëeburg

283

Nº 4 Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, 6 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Snr.

Vou respeituosamente sollicitar a instrucção de Va.Ea., se eu e os mais empregados do Governo deste estabelecimento, aonde existe médico, que era empregado pelo Governo e pelo memsmo assalariado com 2:000\$000 annuaes e botica sustentada também por conta do Governo nesta Colonia, são incluídos de gozarem do beneficio de serem tratados e medicamentos como os colonos gratis nestes pagamentos feitos, ou se devemos pagar em proprio o médico e seus preços arbitrarios, pois que o ex-médico Rufener desta Colonia me exigio hontem na rua pública o pagamento de suas visitas, que me fez durante 2 annos e que são em tudo ao máxime 15 à 16, durante que funcionou, respondendo-lhes que seu antecessor Dr. Linger, também empregado do Governo nunca usou semelhante usurpação e sendo elle, Rufener, successor de Dr. Linger com as mesmas gratificações etc. e entendemos estarmos também na continuacção dos mesmos gozos. E disse-lhe mais que todavia me informarei perante Va.Ea. como Governo da Provincia e se Va.Ea. determine que devemos pagar separadamente estes beneficios ao médico, que prestou, sendo elle por isto gratificado pelo Governo, então o pagarei, ao que respondeo me gritando: "o que tenho eu de fazer ao Governo, você não me deo instrucções especiaes sobre este assumpto, quando chegei; e se não me paga, me pagará o seu couro!!! O dito ex médico me fez, como já disse ao mais ser 15 ou 18 visitas durante 2 annos de seu exercicio, deo me alguns purgantes, chá, unguentos e cataplasma de linhaça e diz à seus credores aqui que só os pagará quando este velho (sou eu) lhe pagará o curativo de sua syphilis, que lhe deve, pelo que me exigirá Rs 800\$000.

Exmo.Snr. supplico com instancia a mais breve resposta possivel e deixo à Va.Ea. de avaliar e de mandar prevenir semelhante comportamento e os insultos, com que este homem injuria diariamente todos os empregados do Governo em todos os lugares.

Supplico mais que Va.Ea. nomeia quanto antes um médico novo, afim de que eu possa tranquillizar os colonos pois que o Dr. Rufener depois de sua dimissão, a qual sómente lhe participei em 1º de Janeiro d.a., quan

do chegou o correio e vi no "mercantil" a sua dimis
são publicada, manda.....diariamente mais colo
nos que exigem remédios desta Directoria, os quaes não
sei, que são proprios, á molestias que não expliquem
quaes são, do que em todo o intervallo de 2 meses, du
rante o qual o Dr. Linger estava com licença em Rio
de Janeiro para tratar de seus incomodos particulares
não vierem.

Outrossim peço a Va.Ea. de me dixer, se devemos
estar victimas do ridiculo excessivo arbitrariadade
do dito médico que programma de exigir de mim os men
cionados 800\$000, pelo seu curativo, que por nada ser
vio e que só melhorou muito quando ha mais de oito me
ses me entreguei á um curandeiro.

Dêos Guarde á Va.E.

Illmo. e Exmo. Snr.
Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digno. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Nº6 Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 11 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Senr.

Sobre os requerimentos inclusos de Augusto
Schneider, Domingo Gotzinger, Chistiano Seibert e Ja
cob Krummenauer, tenho respeituosamente de informar
que os lotes pelos requerentes cultivados de facto
não são muito proprios para a agricultura e seria con
veniente de attender os ditos pedidos, se Va.Ea. assim
por bem julgar.

Dêos Guarde á Va.Ea.

Illmo. e Exmo. Senr.

785

Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digmo. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnéeburg

Nº7 Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, 12 de Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Senr.

Sobre o requerimento incluso de Frederico Brun-
nock tenho respeitosa^{mente} de informar que seria con-
veniente de ter uma olaria estabelecida nesta Colonia,
pois esta falta faz, que poucas casas aqui são feitas
de tijolos e telhas e o dispendio com estes artigos vai
por ora para o exterior. He tudo quanto tenho de infor-
mar á Va. Ea. sobre o incluso requerimento.

Dêos Guarde á Va. Ea.

Illmo e Exmo. Senr.

Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digmo. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schnéeburg

Illmo. e Exmo. Snr.

Os abaixo assignados colonos da Colonia Itajahy
Brusque se dirigem hoje com este a Vã Excia. para pe-
dir justiça.

Faz quatro anno,s. que o presente Feitor dos tra-
balhos de caminhos Henrique Bettermann abousou do di-
nheiro, que lhe foi confiado pelo Governo para fazer

os nossos caminhos, em empregados o para fazer roscas e casas de alguns colonos favorecidos.

Em quanto o Agrimensor Fred. Heeren, tive estes trabalhos a fazer, o serviço adiantava muito e o dinheiro foi bem empregado, mais hoje como o já dito H. Bettermann, tomou contra outra vez destes trabalhos os mesmos abusos também tomão lugar; - e era assim que nos 6 pessoas, a saber: C. Debattin, Bodenmuller, Schmidt, Hassmann, Decker e Mathis, forão mandados trabalhar fazer cercas e concertos no tecto da casa de Mathis durante 6 dias e temos recebido o pagamento do Director desta Colonia e deviamos passar o recibo na lista dos trabalhadores nos caminhos do mez de....

Com o caminho e roscas temos he ainda pèssimos e como nos não podemos ter em estas circontanceas esperança alguma que elle sera feito, pedimos muito a V.ª Excia. de tomar as providencias necessarias que o dinheiro consignado para o caminho sera mesmo empregado com elle.

E. R. M.

Colonia Itajahy-Brusque, 15 de Janeiro de 1.867

A. Hofelmann
Hinrich Kùhl
Ignatz Bodenmùller
Karl Debatin I
Joham Vogel
Adam Groh
Carlo joham Decker
Wilhelm Krieger
Jacob Krieger
Andreas Petermann

Nº 9 Directoria da Colonia Itajahy-Brusque em 19
de Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Senr.

Vou com todo respeito pedir á Va.Ea. que Se Digne de mandar consignar na Thesouraria pagavel á meu procurador Francisco Sallentien em Desterro, a quantia de rs 5:799\$000 para o costeamento desta Colonia no trimestre de Janeiro á Março do corrente anno. Sendo Rs 5:583\$000, o orçamento trimestral e Rs 215\$000, com cessões fora e posteriores do orçamento, gratificações do feitor das obras públicas e do conductor das malas e o alugues da casa do Pastor Protestante.

Déos Guarde á Va.Ea.

Illmo e Exmo.Senr.

Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digno. Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnéeburg

Nº 10 Directoria da Colonia Itajahy-Brusque, 26 de
Janeiro de 1.867.

Illmo. e Exmo. Senr.

Sobre o requerimento incluso de Francisco Mathias Becker, tenho respeituosamente de informar que de facto o lote do requerente não é muito próprio para a lavoura, nada tenho de oppôr ao dito pedido, se Va Ea. por bem julgar de attendel-o.

Déos Guarde á Va. Ea.

Illmo e Exmo. Senr.

Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda
Digno Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnéeburg

Número 44

Ano XI

Tiragem: 500 exemplares

Gentileza:

COMPANHIA INDUSTRIAL SCHLÖSSER S. A.
Av. Getúlio Vargas, 151 - Cx. Postal, 17 - Fone: (0473) 55-8122 (PABX)
88350 — B R U S Q U E — Santa Catarina

